

[Narradora] A seguir, a Rede Aparecida de Rádio apresenta “Coragem de Ser: para falar de pessoas e não de deficiência”.

[3 bipes]

[Narrador] Vamos conhecer pessoas que sabem usar sua criatividade e que transpõem barreiras do dia a dia para viver uma vida com mais coragem. Seus anseios e descobertas, dons e determinações, apesar das dificuldades. Vamos falar sobre pessoas, não sobre deficiências. Está no Ar “Coragem de Ser”.

*[música calma – violão]*

*“Olha eu sei, não sou ninguém pra vir dando conselhos*

*Mas tudo que aprendi depois de tantos erros*

*É que o amor está bem dentro de ti”*

[Ana Neri] Boa tarde para você na sintonia da Rede Aparecida de Rádio. Começa agora o programa Coragem de Ser. Um programa que entrevista pessoas comuns com vidas extraordinárias, ou pessoas extraordinárias que têm vidas comuns. Depende do seu ponto de vista. Então, vamos compartilhar histórias de vida com tudo que tem direito? Momentos alegres, tristes, às vezes, experiências boas ou ruins, superações, dificuldades, aprendizados. Aqui no “Coragem de Ser” nós conhecemos pessoas que sabem usar a sua criatividade, que transpõem barreiras do dia a dia para viver uma vida com mais sentido. Vamos conhecer também os anseios, as descobertas, os dons e determinação, acima de tudo, apesar das dificuldades. Quem não tem dificuldades na vida, não é mesmo? Este programa é um convite para nos tornarmos mais abertos, coerentes e comprometidos também como cristãos e pessoas que participam, se preocupam e ajudam na construção de um mundo muito melhor.

*[vinheta] Coragem de Ser... Leve Sabedoria.*

[Marluce Botelho] Olá! Eu sou a Marluce Botelho e estou com vocês aqui no Leve Sabedoria. Sou mulher branca, tenho 1,75 de altura, tenho cabelo comprido ondulado e olhos castanhos. No momento uso óculos de grau, camiseta florida e calça jeans.

E a convidada de hoje aqui no nosso programa e Leve Sabedoria é a Flávia Andrade Marques. Ela é fundadora e CEO do Instituto Handy Libras e Método Properi, empresa especializada em inclusão, que busca disseminar a inclusão entre pessoas com e sem deficiência em todos os ambientes da sociedade. Flávia tornou-se tradutora e intérprete de Libras e sua paixão pela língua de sinais surgiu desde então. Além da Libras começou a ter um olhar voltado não somente aos surdos, mas para todas as pessoas com deficiência. Ela ministra palestras e workshops inclusivos, desenvolve assessoria e consultoria na implantação da gestão da inclusão dentro das empresas, consultoria e treinamento no desenvolvimento humano às pessoas com deficiência.

Flávia, seja muito bem-vinda ao programa Coragem de Ser.

[Flávia Marques] Obrigada, Marluce. Para mim é um prazer participar do programa Coragem de Ser.

[Marluce Botelho] Flávia, como você se descreveria hoje para gente?

[Flávia Marques] Sou mulher branca, olhos castanhos médios, cabelo longo loiro mel, uso calça jeans e blusa azul.

[Marluce Botelho] A inclusão da pessoa com deficiência realmente acontece?

[Flávia Marques] Bom, em pleno século 21, infelizmente ainda não. Isso devido a visão assistencialista que muitas pessoas ainda têm frente à pessoa com deficiência. O que seria essa visão assistencialista? É enxergar a pessoa com deficiência como um coitadinho, um incapaz. E isso muitas vezes é uma grande barreira para que essa pessoa seja incluída em qualquer ambiente da sociedade. Hoje, na verdade, eu como especialista da área, é o que eu mais observo e o que eu mais... chego a conclusão é que a questão de não existir uma inclusão ainda e estar preso a integração, que é voltado para essa visão assistencialista, é através da própria postura de atitude da pessoa que não tem deficiência. Porque como eu sempre falo que a inclusão vai existir. E a diferença entre a inclusão e a integração é exatamente que quando a pessoa com deficiência se modifica para ser incluída na sociedade e a sociedade também se modifica para receber a pessoa com deficiência. Quando isso acontecer, essa virada de chave, de atitude das pessoas, tanto com e sem deficiência, é que vai acontecer a inclusão e não a integração.

[Marluce Botelho] Você acredita que as empresas estão preparadas para esse desafio?

[Flávia Marques] Não. Definitivamente as empresas ainda não estão preparadas para receber as pessoas com deficiência no seu ambiente. Isso tem virado um ciclo vicioso para as empresas. E isso eu costumo dizer também que gera tempo, energia e dinheiro. É um gasto dessas três coisas: tempo, energia e dinheiro. Eles ficam no ciclo vicioso de contrata e descontrata. Isso por que? Quando a gente se fala na Lei de Cotas eles veem primeiro as pessoas como deficientes. E não. Todo deficiente, pessoa com deficiência, tem uma história de vida, uma personalidade. E aí quando você contrata aquela pessoa com deficiência para cumprir uma lei de cotas e não sabe reter as habilidades e competências daquela pessoa com deficiência, você não consegue incluí-la. E isso vira um ciclo vicioso por que? Porque você tem que descontratá-la porque também a pessoa com deficiência não está preparada para os atos e comportamentos para o trabalho, e não aceita a forma que ela é recebida dentro da empresa. E aí vira aquele ciclo vicioso como eu falei de contrato e descontrato. E isso a empresa corre o grande risco também de ser multada. E é uma multa bem alta. Por isso que eu falo, é um gasto de tempo, energia e dinheiro. Se as empresas investirem no treinamento tanto para gestores, tanto para as pessoas com deficiência, a inclusão vai existir dentro da empresa. Mas só a partir deste princípio. E também enxergar a pessoa com deficiência primeiro como pessoa e depois a deficiência. O que a gente vê também muitas pessoas com deficiência sendo colocadas em postos de trabalho errados. Se já é uma pessoa que é reabilitada e colocada no posto de trabalho errado, ela pode causar um prejuízo maior a determinada deficiência que ela tem. Então tudo isso as empresas têm que se atentar e tem que saber fazer a gestão dessas pessoas. E ter o conhecimento da deficiência de cada um para que ela se engaje dentro de cada setor, dentro da empresa que ela foi trabalhar. Então as empresas definitivamente ainda não estão preparadas para inclusão da pessoa com deficiência.

[Marluce Botelho] Flávia, e a pessoa surda é bem atendida nos estabelecimentos comerciais? O que você acha?

[Flávia Marques] Em primeiro lugar, vale ressaltar que ainda se tem uma visão errônea e todo um contexto social e histórico frente a pessoa surda. O surdo não é uma pessoa com deficiência. Ele é simplesmente uma pessoa diferente que possui uma língua própria para se comunicar. É a mesma coisa que um estrangeiro dos Estados Unidos, por exemplo, chegasse numa loja e tivesse que ter alguém que falasse inglês para atender e receber ali naquele momento. E a mesma coisa para a pessoa surda. O surdo tem uma língua própria para se comunicar, que é a Libras: a Língua Brasileira de Sinais. Deixando aqui também esse conhecimento: a Libras ela não é universal, é uma língua regional, por isso que a sigla Libras significa Língua Brasileira de Sinais. Então surdo se comunica através da língua própria dele que a língua materna que é a Libras. Então ele é simplesmente uma pessoa que precisa dessa língua para se comunicar. Então os estabelecimentos comerciais não consegue atender esse surdo. E é estatística toda pessoa com deficiência sempre leva consigo uma, duas, três ou até mais pessoas, por quê? Porque eles se fidelizam ao local onde eles têm acessibilidade. E quando a gente fala da pessoa surda, a gente fala também de um ponto muito importante que é o quê? A inclusão comunicacional. E comunicação é tudo. Se você não tem comunicação no ambiente onde você está é como se você não existisse. Então, não só no comércio, mas em todos os estabelecimentos de atendimento aberto ao público o surdo não é bem atendido. Ele só vai ser bem atendido se tiver alguém capacitado para se comunicar com ele na língua dele.

[Marluce Botelho] Como você acredita que pode ser resolvida essa questão de extrema importância? E quanto a lei vigente, como podemos nos adequar ela?

[Flávia Marques] Se a gente resolver, em primeiro lugar, a visão assistencialista que eu chamo de uma parte atitudinal, a gente vai conseguir sim resolver essa questão da inclusão. Por exemplo, se a pessoa... a gente já ouviu falar sobre as leis vigentes é exatamente o que? Quando a gente fala assim: "Ah, tem que ter acessibilidade naquele local". O que vem primeiro a mente da gente? É o piso podotátil, a rampa, o banheiro adaptado. E aí depois começaram a vir pressionando mais a questão também da inclusão comunicacional. Porque os surdos ficaram um pouco de lado depois de todos os estabelecimentos terem que ter essa acessibilidade arquitetônica. E aí vieram com acessibilidade comunicacional que é ter intérprete de libras em determinados locais, que nem, por exemplo, a Lei Brasileira de Inclusão que é a LBI, que desde janeiro de 2015 deixou de ato discriminatório e virou ato criminal, ela vem pressionando também. E alguns órgãos vêm fazendo valer essa lei, como por exemplo, hoje a auto escola não tem mais alvará de funcionamento renovado se não tiver intérprete de Libras. E aí veio essa parte da acessibilidade comunicacional também. E referente a lei que é a Lei Brasileira de Inclusão que é uma lei federal, que está acima de todas as outras leis. Que já vem falando sobre a inclusão da pessoa com deficiência todos os ambientes da sociedade. E aí o que realmente vai fazer com que a gente consiga resolver isso? É a nossa própria atitude. Porque não adianta você ter na sua loja um piso podotátil, uma rampa, um banheiro adaptado, se quando você vai atender, por exemplo, usuário de cadeira de roda que tá acompanhado de um familiar ou de um amigo, que seja, você não olha para pessoa que é o consumidor dos seus produtos e serviços. Você olha para pessoa que está acompanhando ele. Se a gente não mudar a nossa visão frente a essas pessoas, muitas coisas não vão acontecer como inclusão. A gente

vai continuar ainda na integração. Que se pratique a inclusão. E inclusão é quando a sociedade se modifica para receber a pessoa com deficiência e a pessoa com deficiência também se modifica para ser incluída na sociedade. Aí sim nós teremos uma inclusão de fato.

[Marluce Botelho] Flávia, fala para gente das suas redes sociais e como podemos encontrar você.

[Flávia Marques] Eu gostaria de agradecer pela oportunidade de participar junto com você, Marluce, do programa Coragem de Ser para falar de um tema tão pertinente hoje na nossa sociedade que precisa ser visto com muita empatia. Para mim é um grande prazer mesmo poder participar. E para quem tiver interesse em conhecer mais o nosso trabalho, em buscar consultoria e assessoria na área da inclusão, nós trabalhamos em três nichos diferentes que é a empregabilidade, a educacional e a pessoal. Pode procurar a gente pelo nosso Facebook que é Instituto Handy Libras. Hand é mão em inglês com “y” no final. H-A-N-D-Y. Instituto Handy Libras. Ou pelo telefone que vai parar de falar diretamente comigo que é o (12) 97404-1745. Muito obrigada.

[Marluce Botelho] Flávia, agradecemos muito sua presença aqui com a gente hoje no Leve Sabedoria no programa Coragem de Ser. Desejo tudo de bom para você, sucesso no seu trabalho que é tão bonito. E que Deus te abençoe sempre.

*[vinheta] Coragem de Ser, para falar de pessoas e não de deficiência.*

*[vinheta] Coragem de Ser... Entrevista.*

[Ana Neri] É muito bom ter a sua sintonia, a sua companhia. E daqui a pouquinho você vai conhecer uma história que vai com certeza fazer diferença na sua vida. Mas antes eu gosto sempre de começar... porque aqui a inclusão é muito importante. Então, falando um pouquinho sobre como eu me encontro hoje. Só me apresentando sou Ana Neri, jornalista da Rede Aparecida de Rádio. Hoje estou com uma blusa azul com os bordados brancos. Inclusive foi a blusa que usei quando abracei o Papa Francisco em outubro do ano passado, lá em Roma. Eu tenho 1,56. Tenho cabelos castanhos claros na altura do ombro. E tô vestindo também calça jeans e um tênis cor de caramelo. Falando um pouquinho sobre como estou vestida hoje para você. Hoje no nosso programa Coragem de Ser temos um grande prazer de conversar com Jhonny. Ele é fotógrafo e coreógrafo do Centro de Estudos Fit Dance, mentor e instrutor Premium Master. Você sabe o que é fit dance? Tem sido bastante falado nesses últimos tempos né? Será que o Jhonny vai te motivar a arrastar a cadeira e começar a dançar ali na sua sala mesmo? Vamos ver hein? Jhonny, seja muito bem-vindo ao nosso programa Coragem de Ser. É uma imensa alegria receber você aqui conosco.

[Jhonny] Muito obrigado pelo convite, Ana! Eu que agradeço pelo convite. É uma honra estar aqui com vocês.

[Ana Neri] E claro, para gente começar na mesma maneira que você me ouviu aí descrevendo para os nossos ouvintes, gostaria que você também se descrevesse, falasse um pouco sobre o seu tipo físico, a cor de pele, e cabelo, vestimenta, altura. Como que você é fisicamente? Conta para gente.

[Jhonny] Então, não sou alto, nem baixo, estou na média. Tenho 1,69. Tenho 40 anos, apesar que ter um rostinho de 18 anos. Sou negro, pele escura. Tenho um físico aparentemente fortinho. Atualmente tenho um cabelo raspado. Uso uma camisa preta, uma jaqueta de couro preta e uma calça jeans nesse momento.

[Ana Neri] E agora falando de maneira geral para que os nossos ouvintes comecem a te conhecer melhor, a saber um pouco mais da sua história. Quem é o Jhonny nesse pedacinho de mundo?

[Jhonny] Pergunta difícil essa. Quem é Jhonny? (risos) Jhonny... O Jhonny é instrutor de fit dance, coreógrafo, um surdo que ouve, e... persistente, não insistente, mas persistente que está sempre correndo atrás dos seus objetivos. Enfim Jhonny é a persistência em forma de gente, vamos dizer assim. (risos).

[Ana Neri] Estamos conversando hoje aqui no Coragem de Ser com o Jhonny, coreógrafo do Centro de Estudos Fit dance, também fotógrafo. Jhonny, dando sequência ao nosso bate-papo. Como a dança e a fotografia surgiram na sua vida?

[Jhonny] Em relação à dança, eu sempre tive um envolvimento com dança. A minha mãe sempre foi muito envolvida com samba. Eu gostava muito de escola de samba, de sambar, etc. Mas é dança mesmo eu tive um primeiro contato profissional com dança por volta de 6 anos de idade, em que eu comecei a dançar em eventos da escola que estudava. E de lá para cá, eu comecei a tomar o gosto pelo palco. E não consegui mais sair de palco, entende? Aí, por volta de 19 anos, o curioso que foi quando perdi a audição por volta de 19 anos, eu comecei a investir profissionalmente mesmo na dança, a estudar dança.

Em relação a fotografia. Eu enxergava fotografia inicialmente como válvula de escape. Em 2012, eu comecei a fotografar afim de esvaziar a cabeça, esquecer alguns problemas pessoais. E acabei focando uma fotografia. E me profissionalizei de uma forma que hoje eu tento mudar a vida das pessoas com fotografia, elevando a autoestima e é isso.

[Ana Neri] E você trabalha, como a gente já disse aqui, com fit dance, uma modalidade recente nas academias que tem feito a cabeça de bastante gente. Todo mundo quer procurar, quer usar essa modalidade para dançar, para se divertir, para queimar umas calorias né? Conta para gente, você tem mais propriedade para falar, como é esse tipo de dança?

[Jhonny] Fit dance é uma modalidade que em momento algum a gente se preocupa com a exatidão de coreografia, entende? A gente quer que o nosso aluno se divirta. A gente quer que o nosso aluno curta aquele momento como uma experiência única de alegria e diversão. A gente não tem aquela preocupação em fazer com que o aluno faça a coreografia exatamente como ela é. Não. A gente quer ver aquela experiência de comunidade, dentro de uma sala de aula. É a modalidade que torna sua vida mais feliz por meio da dança. Isso é fit dance.

[Ana Neri] E nesse período da pandemia, Jhonny, você acredita que a dança, mesmo em casa, ela tem ajudado as pessoas a enfrentarem o isolamento social de uma forma melhor?

[Jhonny] Com certeza! Isso é mais que comprovado nas lives, que você vê algumas pessoas que compartilham seus vídeos com os alunos dançando nas suas próprias residências com sorriso

de orelha a orelha no rosto. Acho que a dança foi uma das ferramentas fundamentais para manter a saúde mental das pessoas, nesse período de quarentena dentro de casa, sem poder sair para rua. E sem contar com a questão da segurança. Tem muito assalto do lado de fora. A gente não se sente mais seguro nas ruas. E a gente tendo internet essa possibilidade de se divertir, de dançar dentro de casa. E a fit dance teve um papel fundamental nisso. A gente teve essa missão de levar alegria para as pessoas dentro de casa e sem ter contato físico. E isso é muito importante na história da dança, não apenas no Brasil, mas no mundo.

[Ana Neri] Jhonny, e atenção para um momento especial aqui no Coragem de Ser. Sabe, quando a gente fala que calçamos o sapato de uma outra pessoa, aí sim nós começamos a perceber o seu ponto de vista. Só assim, na verdade, nós podemos perceber o seu ponto de vista. Se alguém fosse calçar os seus sapatos, conta pra gente como seria essa pessoa, Jhonny?

[Jhonny] Se alguém calçasse os meus sapatos... veria que eu sou uma pessoa que às vezes parece ser muito chata, mas na verdade eu só queria que as outras pessoas entendessem que eu só estou tentando multiplicar a questão de acessibilidade no mundo. Por que eu digo isso? Eu perturbo muito sobre legendas, sobre inclusão de Libras, mesmo que eu não faça o uso de Libras. Eu sou surdo oralizado. Mesmo que eu não faço o uso de Libras, eu faço o uso de legendas. Eu peço isso. Eu peço inclusão de Libras e legenda, porque eu estou mais preocupado com a questão de inclusão das pessoas de uma forma geral. E quem calça o sapato vai entender que, apesar de parecer uma pessoa chata, eu estou apenas me preocupando com próximo. Mas sim eu sou carinha chato mesmo, não nego isso não (risos).

[Ana Neri] Ah, gente, tudo que é bom dura pouco né? Chegamos já o finalzinho do nosso programa. Mas a gente não pode deixar o Jhonny ir embora sem falar para gente como nós podemos achá-lo nas redes sociais.

[Jhonny] Vocês podem me encontrar no Instagram com IG Surdinho do Brasil, @SurdinhodoBrasil. Também estou no Facebook como Jhonny Sousa, também como Surdinho do Brasil. Se vocês pesquisarem Surdinho, Jhonny surdinho, ou Junior Souza também apareço no Facebook. Eu também tenho uma outra rede social que é chamada ICnacabeça, implante coclear na cabeça. Está meio desatualizado, mas ali eu foco a minha experiência em implante coclear. E também o meu canal no YouTube que se chama Junior Souza/sincronia. Ali eu falo um pouquinho de tudo. Falo sobre dança, dou dica de proteção, sobre implante coclear, faço resenha sobre aparelhos para reabilitação auditiva. É isso. Essas são as minhas redes sociais. Vocês me encontram por lá. Beijo no ouvido de vocês, mas sem estalo tá? Beijis sem estalo. Porque beijinho com estalo deixa surdo.

[Ana Neri] Jhonny, muito obrigada pela sua participação aqui conosco. Olha uma entrevista show de bola. Tudo de bom para você continue fazendo a diferença neste mundo que precisa tanto de alegria, de paz, enfim tudo aquilo que você tem procurado fazer aí a diferença no seu dia a dia. Um grande abraço para você!

*[vinheta] [café desaguando] Coragem de Ser... Só um Cafezinho.*

[Flávia Machado] No quadro "Só um cafezinho" de hoje, vamos falar da Lei Brasileira da Inclusão, que comemorou 5 anos no último dia 6 de julho. A proposta da criação da Lei

Brasileira Inclusão, também chamada de LBI, foi aglomerar em um único documento as leis referentes aos direitos das pessoas com deficiência.

A LBI fala como devem ser garantidos os direitos das pessoas com deficiência à Educação, à Saúde, ao Trabalho, aos Transportes, à Comunicação, enfim, a todas as áreas que envolvem a vida de cada cidadão.

Não há como negar que houve melhorias desde a criação da LBI, porém, também não há como negar que ainda são necessários muitos avanços para que, de fato, as pessoas com deficiência possam ser incluídas na sociedade de forma plena.

Quantas pessoas com deficiência convivem com você? Sim, você que tá nos ouvindo agora? Com quantas pessoas cegas ou surdas já estudaram, ou trabalharam com você? E nas suas redes sociais, quantas pessoas com trissomia 21 ou que usam cadeira de rodas estão na sua rede de contatos? Que tal começar procurando ouvir o que essas pessoas têm pra falar?

Aliás, você sabia que não existe pessoa muda? Nem surdo-mudo! Todo mundo pode se comunicar de alguma forma... até por um piscar de olhos. Esse tipo de comunicação se chama comunicação alternativa. Mas isso é papo pra outro café, porque esse daqui ó... já acabou. Eu sou Flávia Machado, mulher branca, de cabelos castanhos cacheados acima dos ombros, olhos castanhos e estatura mediana. Hoje, vestindo blusa vinho, calça jeans e tênis all star preto. A gente se encontra no próximo...

*[vinheta] ... Só um Cafezinho.*

[Ana Neri] E nós terminamos esse Coragem de Ser aqui na Rede Aparecida de Rádio com a sensação de que na nossa vida simples podemos ser extraordinários e viver com mais sabedoria. E se você quiser nos contar a sua história manda para gente uma mensagem pelas redes sociais usando @RadioAparecida. Você encontra a gente tanto no Instagram, quanto no Facebook. E aqui no Coragem de Ser pelas ondas da Rede Aparecida de Rádio, nós nos encontramos no próximo sábado, depois da Consagração a Nossa Senhora, às 3:15 da tarde. Um grande abraço e até lá!

*[música calma – violão]*

*“Tente pensar no amor*

*E aprender com a dor*

*Se é pra recomeçar,*

*Que seja como for*

*Não tem receita*

*Tudo se ajeita*

*Deixa o amor entrar devagar”*

[Narradora] A Rede Aparecida de Rádio apresentou Coragem de Ser, que volta no próximo sábado às 3:15 da tarde.